

Dossiê Temático

Epistemologias, metodologias e questões éticas em pesquisas com abordagens em diversidades sexuais e de gênero

Estevão Fernandes (org.)¹
Universidade Federal de Rondônia

Mariane da Silva Pisani (org.)²
Universidade Federal do Norte do Tocantins

Moisés Lopes (org.)³
Universidade Federal de Mato Grosso

Simone de Oliveira Mestre (org.)⁴
Universidade Federal de Alfenas

¹ Mestre em Antropologia pela UnB (2005) e Doutor em Estudos Comparados sobre as Américas (2015). Professor na Universidade Federal de Rondônia e no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Mato Grosso.

² Bacharela em Ciências Sociais (2010) e Mestre em Antropologia Social (2012) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Antropologia Social (2018) pela Universidade de São Paulo. É professora e antropóloga na Universidade Federal do Norte Tocantins e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Piauí. Coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia Social e Interseccionalidades (ANTROPOS), onde desenvolve pesquisas sobre Gênero e Sexualidades, Antropologia Audiovisual, Antropologia do Esportes e Práticas de Lazer.

³ Graduação (2002) e mestrado (2005) em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, Doutorado em Antropologia Social (2010) Universidade de Brasília, Pós-Doutorado (2018) em Antropologia Social Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Federal de Mato Grosso e coordenador do Núcleo de Antropologia e Saberes Plurais (NA-Plus/UFMT).

⁴ Professora substituta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Antropologia (2016) pela mesma instituição, graduada em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR (2013). Sócia (categoria pós-graduanda) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), autora de duas etnografias: 1) *Maternidade Guerreira: Uma etnografia sobre mães de jovens encarcerados*; 2) *AMOR SÓ DE MÃE: drama e estigma de mães de adolescentes privados de liberdade*. - Experiência docente nas disciplinas de Filosofia, Sociologia e Antropologia.

Apresentação ao dossiê

Ao propor um dossiê sobre “epistemologias, metodologias e questões éticas em pesquisas com abordagens em diversidades sexuais e de gênero”, a ideia era congrega pesquisas e reflexões em torno das diversidades sexuais e de gênero, com especial foco nos debates a respeito de outras possibilidades de desenvolvimento de investigações que problematizassem o ponto de vista teórico-metodológico e ético constituído a partir da história colonial do Ocidente.

Na chamada o interesse era angariar contribuições que dialogassem com os estudos feministas, LGBTQIA+, leituras pós-coloniais, teoria *queer* e/ou que tomassem como ponto de discussão as epistemologias, metodologias e questões éticas imbricadas em pesquisas sobre diversidades sexuais e de gênero.

Várias têm sido as abordagens que tangenciam essas questões, e a grande maioria delas têm o intuito de nos provocar no levando, por consequência, à descolonização do fazer metodológico-científico. Podemos citar, como exemplos, a “epistemologia cucaracha” (PELÚCIO, 2014 a, b); a “teoria cu” (PELÚCIO, 2014a, 2014b, 2016; RATTIS, 2014); o “*queer* decolonial” (PEREIRA, 2015); o “*queer* caboclo” (FERNANDES, GONTIJO, 2016; FERNANDES, 2020) ou mesmo as discussões que envolvem o feminismo decolonial. Todas essas reflexões se tornaram relevantes e fundamentais para compreensão das questões que envolvem as diversidades sexuais e de gênero no chamado Sul Global. Em comum nessas perspectivas há o rompimento com uma visão heterocentrada, falocêntrica, metropolitana, normativa e colonizadora das diversidades sexuais e de gênero. O intuito é tencionar as produções desenvolvidas a partir das realidades brasileiras e latino-americanas, buscando uma ampliação crítica e perturbadora do status quo dessas investigações.

Contudo, em que pesem os avanços em cada uma dessas abordagens, a produção recente – em especial fora dos grandes centros – tem transcendido a exploração de temas e problemas no campo de estudos sobre diversidades sexuais e de gênero deixando claro seus espaços para ampliação. Dito de outro modo, embora essas novas abordagens avancem, elas seguem circunscritas a questões e problemas gerados no contexto dos grandes centros de produção do conhecimento.

Os textos que compõem esse dossiê deixam evidente o campo de possibilidades a ser explorado a partir de uma visão radicalmente fora dos eixos de produção acadêmico-científico. Da mesma forma, os textos aqui elencados distanciam-se das abordagens metropolitanas e bem-comportadas, seja da perspectiva epistêmica, quanto da perspectiva teórica. Os temas, afinal, são tão diversos entre si – necropolítica, psicologia, epistemologias bissexuais, as Amazônias – que nos impelem a sair de perspectivas neutras que são, vias de regra descoladas da conjuntura política, enquadradas e ensimesmadas.

Este dossiê vai para além do planejamento inicial! Ou seja, mais do que uma visão sobre epistemologias e éticas em estudos de gênero e sexualidade, alcan-

çamos temas e abordagens com um potencial de rupturas com o colonialismo interno acadêmico, epistêmico e monocromático. Algumas questões emergem com força e potência nos textos aqui selecionados. Por exemplo: é possível, (re)pensar as corporalidades trans desde o perspectivismo? É viável um Direito que contemple à sério a questão dos Direitos Humanos para além de paradigmas liberais/ocidentais/modernos?

Talvez o eixo sobre o qual tais questionamentos se apresentam sirvam como inspiração para debater uma questão particularmente incômoda, em nossa percepção: será que a crítica à normalização e ao contexto no qual a abjeção se constitui enquanto algo predominantemente relacionado ao sistema gênero/sexo, é a única saída ou, na verdade, seria apenas um primeiro passo. Tal como aponta Lopes (2006), tomando como exemplo a constituição do campo de estudos de gênero nas humanidades, buscamos ir além neste dossiê. Passamos a questionar a construção de argumentos de autoridade metropolitanos ao apontar que o problema a ser enfrentado é toda a estrutura de poder na qual surgem e se sustentam as nuvens discursivas nas quais esse sistema se constitui enquanto norma.

Trata-se, assim, nesta compreensão não apenas de resignificar esse sistema epistemológico-científico e político, mas de buscar outros termos para não reproduzir as mesmas relações de poder, que normatizam e homogeneizam questões como nacionalismo, conhecimento, religiosidade, política ambiental, racismo, territorialidade no contexto de pesquisas fora da metrópole.

Uma ruptura epistêmica no campo da sexualidade e do gênero deve ser um contraponto a toda a forma de autoritarismo moral, mas também intelectual, político, discursivo, ideológico, acadêmico. Trata-se de desvelar estruturas de poder, conscientes ou não, acionadas também nas universidades e grupos de pesquisa. É esse pano de fundo, a partir do qual essa estrutura faz sentido, que os textos aqui buscam, de alguma forma, enfrentar. Afinal, mesmo paradigmas podem funcionar como dogmas e, assim, nos aprisionar. Há capital simbólico demais em jogo na academia hegemônica.

O que estes textos e ensaios propõem é, de certa maneira, uma abordagem *candiru* ou *carapanã*. A quem vive/atua/trabalha/conhece a Amazônia, como nós quatro que organizamos este dossiê, isso faz muito sentido. Não temos medo de onças ou jacaré: dificilmente encontramos um bicho desses num banho de rio ou numa noite na mata. Nosso medo, nestas bandas, é aquele peixe minúsculo que nos devora por dentro, ou os enxames de hematófagos, que mal vemos mas podem transformar qualquer noite na mata em um verdadeiro inferno.

Fato é que os escritos cotidianos no campo do gênero e da sexualidade são, via de regra, como essas onças e jacarés: lindos, com um sotaque imponente, mas não incomodam. São lindos em um cartão postal, mas não incomodam. São perfeitos em uma postagem, ganham curtidas e compartilhamentos, mas não incomodam. Hora de uma epistemologia *carapanã*, hora de uma epistemologia *candiru*. Hora, quem sabe, de uma episteme *mapinguari* ou boto, algo cuja simples ideia assusta ou encanta, espanta e atrai, algo que não seja, mas esteja sempre em relação.

É isso o que estes artigos provocam.

Boa leitura!

Referências

- FERNANDES, E.R. Queer caboclo como possibilidade anticolonial: Algumas reflexões à guisa de provocação. *Contemporânea – Revista de Sociologia da Ufscar*, 10 (1): 35-56, 2020.
- FERNANDES, E.R.; GONTIJO, F.S. Diversidade Sexual e de Gênero e Novos Descentramentos: Um Manifesto Queer Caboclo. *Amazônica, Revista de Antropologia*, 8 (1): 14-22, 2016.
- LOPES, Maria Margaret. Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade. *Cadernos Pagu*, 27: 35-61, 2006.
- PELÚCIO, Larissa. “Breve história afetiva de uma teoria deslocada”. *Revista Florestan*, São Carlos, 1 (2): 26-45, 2014a.
- PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Periódicus*, 1 (1): 68-91, 2014b.
- PELÚCIO, L. O Cu (de) Preciado. Estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. *Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, 9: 123-136, 2016.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea – Revista de Sociologia da Ufscar*, 5 (2): 411-437, 2015.
- RATTS, J. Exposta pele profunda: para pensar em uma nova política para os corpos por meio da Teoria Cu. *Periódicus*, 1 (1): 277-303, 2014.